

|                   |
|-------------------|
| CEDI - P. I. B.   |
| DATA 03, 04, 1987 |
| COD. 00080        |

PROJETO: Uma Escola Indígena em Surumu

1985

## Í N D I C E

### APRESENTAÇÃO

#### 1. INTRODUÇÃO

1.1. Histórico

1.2. Justificativa

1.3. Objetivos

1.3.1. Gerais

1.3.2. Específicos

#### 2. RECURSOS HUMANOS

#### 3. RECURSOS MATERIAIS

#### 4. OPERACIONALIZAÇÃO

4.1. Grade Curricular

4.2. Avaliação

## APRESENTAÇÃO

Encaminhamos o Projeto "Uma Escola Indígena em Surumu" , à Senhora Secretária de Educação e Cultura, para ser apreciado e encaminhado ao Conselho Territorial de Educação para ser estudado, analisado e aprovado.

O presente Projeto é fruto de um árduo trabalho que há muito vem sendo discutido e debatido na Missão Surumu: por professores, tuxauas, alunos, líderes indígenas, representantes da FUNAI, da DIOCESE DE RORAIMA e da Secretaria de Educação e Cultura.

Este Projeto, contou com a colaboração de dois técnicos do Núcleo de Currículos e Programas e do Chefe da Divisão de Ensino de 1º Grau - Interior.

A Diocese de Roraima se fez presente em todos momentos.

## I - INTRODUÇÃO

### I.1 Histórico

Ao iniciar-se este trabalho, faz-se necessário um retrospecto histórico da Escola - Internato - Surumu, que será apresentado em três (03) períodos.

O primeiro período iniciou quando Dom José Nepote, em 1948, encarregou o Pe. Marcos Lonati de atender às necessidades do povo da região de Surumu. Foi ele que fundou o Internato que se destinava aos alunos Índios das malocas e também aos órfãos e crianças carentes.

O segundo período começou em 1967: formar professores indígenas para as malocas da região. Para melhor entender o significado desta mudança, é útil ter presente que a Prelazia de Roraima tinha naqueles anos começado a abrir escolas nas malocas. Os professores eram na maioria, brancos formados no colégio da Prelazia em Boa Vista. A necessidade de formar professores indígenas para as escolas das malocas levou à transformação do Orfanato em uma Escola - Internato para formação de professores.

Dos índios que se formaram na Escola - Internato de Surumu, nestes anos, mais de 70% trabalham nas malocas. Quase a totalidade dos professores índios formou-se em Surumu. Atualmente estão se preparando professores indígenas também nas escolas onde funciona o primeiro grau completo: Barata, Contão e Raposa.

Mas o currículo escolar e a estruturação interna da Escola- Internato, depois de análise e reflexões em conjunto com os responsáveis pela escola e pelos alunos, foi descoberto que nada tem a ver com a vida Indígena. Os programas de ensino são os mesmos que se desenvolvem na cidade e os textos se referem a esta realidade. Quando se fala de índio, é unicamente para identificá-los como tipos folclóricos que viviam aqui antes dos brancos trazerem a "civilização". Como uma fase, que no índio, deve ser logo superada para passar a adquirir todas as características da civilização branca.

Pode-se imaginar a confusão que estes fatos deram na cabeça de um menino de dez anos que se descobre como "coisa do passado".

Infelizmente também os professores indígenas não se comportam de maneira diferente. Anos de condicionamento, de ideias e modos de vida diferente, constringe-os a repetir o que aprenderam. Também aqueles que por conjunto de fatores perceberam os danos provocados por esta maneira de dar aula, pouco puderam fazer por falta de assistência do Governo e de outros Órgãos.

A partir de 1978, a Diocese andou questionando muito, juntamente com líderes e Tuxauas das malocas, sobre a validade da Escola-Internato de Surumu e sua metodologia. A partir das reflexões e críticas de seus Agentes de Pastoral e Tuxauas, a situação foi avaliada e foram traçadas algumas linhas básicas, numa tentativa de indigenizar a educação que lá era dada, procurando nisso envolver também a Secretaria de Educação. Apesar do nível de ensino da Escola - Internato de Surumu, ser inclusive, considerado superior a algumas escolas de Boa Vista, os conteúdos e a vida cotidiana eram estruturados segundo os modelos dos brancos, contribuindo assim para o afastamento dos jovens indígenas das próprias malocas.

Numa reunião ocorrida em novembro de 1981, em Surumu presentes, agentes de pastoral, tuxauas, professores e antropólogos que trabalham na área, se chegou às seguintes conclusões:

- adaptar o currículo escolar;
- o internato deve ser reestruturado e com ele a escola;
- particular atenção pelo fato de na escola haver também a presença de brancos: melhor seria que houvesse só índios para facilitar a caminhada a partir da cultura deles;
- oficializar a escola como indígena, e/ou direcioná-la para atuar como se fosse, e trabalhar com o espírito de quem promove pessoas de cultura indígena;
- manter os devidos contatos com a FUNAI e a SEC para ter o apoio neste sentido;
- considerar a Escola - Internato, centro de irradiação da cultura indígena;
- a idéia de fazer o ginásio interno para apresentar os alunos ao exame supletivo na oitava série, não foi aprovada;
- a assembléia deu parecer que a nível organizativo se deveria fazer o seguinte:

- Manter contatos com a SEC e a FUNAI para expor o plano;
- constituir uma comissão de estudo que se encarregue juntamente com a equipe diretora de reestruturar a Escola - Internato e o currículo escolar.

Foram também feitas as seguintes sugestões à equipe encarregada:

- elaborar material didático conforme a nova orientação;
- que os alunos sejam treinados na metodologia e didática para poder enfrentar o ensino nas malocas;
- elaborar material para o ensino de língua indígena;
- usar a língua indígena no dia a dia, mesmo na Escola - Internato;
- procurar contatos válidos com as famílias dos alunos para uma eficaz formação;
- dar espaço ao artesanato indígena entre os alunos.

Problemas de vários níveis dificultaram esta caminhada.

A "Proposta de reformulação do ensino na Escola Pe. José de Anchieta' Surumu" junto à SEC, não teve êxito.

Em 1982, o Governo do Território decidiu construir a escola na Vila Surumu.

O ensino saiu da Escola-Internato da Missão e foi assumido pela SEC.

A partir de então as coisas para os alunos indígenas de Surumu foram piorando. Alguns motivos:

- o ambiente da Escola de Surumu é totalmente de brancos e feitos para alunos brancos; não pode respeitar as exigências dos alunos indígenas;
- os alunos do Internato de Surumu se encontram numa caminhada contraditória: no Internato se insiste sobre os valores indígenas: artesanato, língua, vida comunitária nas malocas, culto à terra, etc.; na escola <sup>que</sup> eles frequentam junto aos alunos brancos estes valores, além de não terem muita importância são objetos de rejeição cônica ou incônica e por isso os alunos vivenciam uma contradição.

O terceiro período da história da Escola-Internato de Surumu começou em janeiro de 1985, durante uma reunião geral dos tuxauas das comunidades indígenas de Roraima. Foi pedido em Assembléia geral que os tuxauas se manifestassem sobre a validade da Escola e do Internato de Surumu. A maioria rejeitou o sistema escolar, e decidiu não mandar mais os alunos para o internato se não houvesse uma reestruturação correspondente às exigências das comunidades indígenas.

Fizeram proposta para que o internato servisse mais para dar cursos profissionais úteis às comunidades indígenas: marceneiro, corte e costura, enfermagem e artesanato.

O motivo principal da rejeição da escola por parte dos tuxauas foi que os alunos se desligam da comunidade e vão embora: perdem todo o amor e afeição às coisas dos índios.

Em agosto de 1985, aparece uma luz esperançosa no horizonte: O MEC lança uma pesquisa na base. Quer saber da realidade concreta em que a escola vive e atua, e como responde às exigências no contexto em que vive. A Secretaria de Educação de Roraima convocou as comunidades indígenas para debater a problemática da educação indígena. Os membros das comunidades, os professores e os tuxauas das malocas de Roraima responderam prontamente ao convite. Foram realizados encontros em Surumu, Malacacheta, Taba-Lascada. E no dia 17 de Setembro de 1985, em Boa Vista, foi realizado o dia de debate sobre a educação indígena em Roraima. Cerca de cem representantes, entre tuxauas, membros das comunidades e professores estiveram presente e se manifestaram diante do povo de Boa Vista, da Secretaria de Educação, da FUNAI e da Igreja. Pediram respeito à língua e tradição indígena, " Nós queremos respeito à cultura, assim como vocês, também exigem respeito à vossa cultura". E, reivindicaram:

- ensino da língua indígena na escola;
- formação específica de professores para as escolas indígenas,
- reformulação dos currículos escolares, adaptando-os à realidade de cada maloca;
- produção de material didático, partindo de cada realidade e, aproveitando o material já existente na Diocese e Meva.

Com a conclusão dos debates e, com base nas reivindicações de parou-se com o seguinte desafio: Operacionalizar a Proposta de Educação indígena. A operacionalização de uma proposta de educação que atenda a uma população indígena não é fácil. Mas, ao voltarmos nossos pensamentos para as salas de aula, repletas de alunos indígenas estudando conteúdos na maioria das vezes desvinculados totalmente de suas reais necessidades e interesse, nos levou a seguir em frente. É assim surgiu o projeto: Uma Escola Indígena em Surumu.

## 1.2. JUSTIFICATIVA

Considerando:

- as reivindicações feitas durante os debates do Dia "D";

- o relevante número de alunos ansiosos por uma Escola Indígena;

- o razoável número de documentos que subsidia não o trabalho dos professores e conseqüentemente dos alunos;

- a existência de um prédio com condições favoráveis para funcionar uma Escola, foi elaborado este projeto, que norteará em 1986, a implantação de uma Escola Indígena em Surumu. A Implantação, será inicialmente na 5ª série, e gradativamente nas séries subsequentes.

Aproveitando o momento solicitamos que o presente Projeto seja apreciado e analisado em tempo hábil por que sua implantação está prevista para março de 1986.



### 1.3. OBJETIVOS

#### 1.3.1 . OBJETIVO GERAL.

- Oficializar a Escola - Internato da Missão de Surumu, como indígena e direcioná-la para atuar como "Centro de Irradiação da Cultura indígena";

- Formar professores indígenas para atuarem dentro das malocas, desenvolvendo uma ação educativa de acordo com os interesses e necessidades dos alunos, bem como propiciar um crescimento da comunidade no seu contexto cultural.

#### 1.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.

- Tornar a escola um espaço de desenvolvimento cultural, onde, além de aprender, se vivencia cultura;

Vincular a escola à realidade local, incentivando a participação efetiva dos alunos e da comunidade no processo educativo;

- Integrar os objetivos da escola às necessidades e interesses dos alunos e da comunidade;

- Promover estudos e pesquisas visando o conhecimento e a valorização das culturas indígenas e incentivando as suas manifestações e expressões culturais;

- Introduzir o ensino das línguas indígenas no currículo escolar;

- Oferecer condições para uma qualificação profissional desenvolvendo programas nas áreas de agricultura, criação de animais, horticultura, carpintaria, marcenaria, educação para o lar;

- Valorizar o artesanato indígena;

Preparar os alunos para atuarem como professores nas malocas e alfabetizarem as crianças na língua materna e automaticamente promoverem a passagem desta para a língua portuguesa.

- Produzir e reproduzir material didático partindo da realidade concreta do aluno e da comunidade, visando a realização dos objetivos acima mencionados;

- Treinar os alunos ( futuros professores ) para utilização do material didático;
- Manter contatos com a FUNAI e Secretaria de Educação para informar e solicitar apoio quando no desenvolvimento e funcionamento da escola.

2 - Recursos Humanos:

Por Recursos Humanos, se entende todo o pessoal responsável pela realização de tarefas que são de sua competência.

Os Recursos Humanos constituem elemento imprescindível, uma vez que deles dependem o desenvolvimento do projeto.

Para a implantação do projeto: Uma Escola Indígena em Surumu, é necessário o seguinte quadro de Recursos Humanos:

| Nº DE ORDEM | QUANTIDADE | ESPECIFICAÇÃO            |
|-------------|------------|--------------------------|
| 01          | 01         | Diretor ( professor )    |
| 02          | 01         | Vice-diretor (professor) |
| 03          | 03         | Professores              |
| 04          | 01         | Linguista                |
| 05          | 01         | Antropólogo              |
| 06          | 01         | Orientador Pedagógico    |
| 07          | 01         | Conselho de Tuxauas      |
| 08          | 04         | Pessoal de Apoio         |

NOTA: O número de professores previsto no quadro de Recursos Humanos é o necessário para o ano de 1986, em que funcionará apenas a 5ª série.

### 3 - RECURSOS MATERIAIS:

Os Recursos Materiais são importantes para o bom desenvolvimento do projeto e conseqüentemente o bom funcionamento da Escola.

O prédio onde funcionou a Escola Internato de Surumu, será o local onde funcionará a Escola Indígena. O referido prédio apresenta as seguintes condições ambientais:

- quatro ( 04 ) salas de aula;
- duas (02) salas para biblioteca;
- um (01) salão;
- uma (01) sala para diretoria;
- dois ( 02) dormitórios;
- onze (11) banheiros;
- dois (02) refeitórios;
- uma (01) cozinha
- três ( 03) salas para depósitos;
- um (01) laboratório para corte e costura;
- uma (01) marcenaria;
- uma (01) Oficina mecânica;
- um (01) depósito de ferramenta agrícola;
- um (01) campo de futebol;
- uma (01) quadra de volei;
- um (01) parque com estruturas para educação física;
- uma (01) horta
- quatro (04) galinheiros;
- (01) chiqueiro.

A futura Escola Indígena, conta com um número satisfatório de documentos, os quais subsidiarão o trabalho dos professores. Entre eles, pode-se destacar os seguintes:

- MAKUXI MAIMU, guia para aprendizagem e dicionário da Língua makuxi; Educação Centro de Documentação das Culturas indígenas' de Roraima, Boa Vista - 1983.

- ANNA MAIMU, N.1 guia da alfabetização em Makuxi, caderno para coordenadores, Surumu, março 1982.

- MAKUXI PANTON, Pemonkon Vanê'bi Tuke Pa'iuntênôn - arquivo Indigenista da Diocese de Roraima.

- BOLETIM Nº 09, Roraima Indígena em Mapas (povos- malocas) - fazendas). Boa Vista, fevereiro 1985, arquivo Indigenista da Diocese de Roraima.

- HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS DE RORAIMA: makuxi, Ingariko, Taurepang, Wapixana, Arquivo Indigenista da Diocese de Roraima, 1983.

- ESTATUTO DO ÍNDIO, um comentário em linguagem simplificada ' Arquivo Indigenista da Diocese de Roraima.

- Livro do Cantineiro, Arquivo do Setor Indigenista da Diocese de Roraima.

- BATENDO A CABEÇA USANDO AS MÃOS, cultura material dos índios de Roraima.

- MAKUXI PANTON - Kaikuxi Vidamuri Teekoremassenon - Arquivo do setor Indigenista - Diocese de Roraima - 1983.

- TRADIÇÕES INDÍGENAS - Diocese de Roraima - Surumu - 1985.

- Depoimento de Gabriel Viriato Raposo - Arquivo Indigenista da Diocese de Roraima - Boa Vista - janeiro - 1985.

Destacaremos a seguir, a documentação Wapixana existente, que servirá de subsídio ao professor, quando na introdução da língua Wapixana na Escola Indígena:

- A situação atual dos Índios Wapixana - Boletim nº 5, Arquivo Indigenista da Diocese de Roraima - março de 1983.

- Levantamento geral da situação Indígena de Roraima - Makuxi e Wapixana, Arquivo do setor Indigenista da Diocese de Roraima - 1983.

- Gramática Wapixana - Arquivo Indigenista da Diocese de Roraima, 1983.

- Textos - WAPISHANA PRIMER, Lethem, Rupununi, Guyana, 1980 - Unevangelized Fieldsmission.

- Lendas - WAPICHAN KOTU'AINAQUN, Wapishana Legends, Unevangelized Fields Mission - Lethem, Rupununi, Guyana, 1974.

- É importante, que neste momento seja registrado todo o mobiliário e equipamento necessário para completar o quadro de Recursos materiais da Escola Indígena.

- quatro (04) mesas de 1 X 0,80, ( sala de aula)

- duas ( 02) mesas de 3 X 1; ( diretoria e biblioteca);

- vinte e quatro (24) cadeiras, ( 4 para as salas de aula, 10 para biblioteca, 10 para diretoria).
- quatro (04) armários (três para diretoria e um para a biblioteca.
- material didático necessário para quarenta (40) alunos.

#### 4 - Operacionalização:

Ao operacionalizar o projeto: Uma Escola Indígena em Surumu, torna-se imprescindível apresentar a Grade Curricular que será utilizada em 1986.

É importante salientar que alguns Componentes Curriculares, tais como: Educação Artística, História, Educação Moral e Cívica e O.S.P.B; ao serem estudados na Escola Indígena receberão outra denominação. Para atender a clientela indígena, a especificação e relação de conteúdo, serão elaborados pelos professores. Os mesmos terão como subsídios os conteúdos básicos de cada Componente Curricular bem como os documentos indígenas, os quais irão facilitar o trabalho dos professores quando na adaptação e/ou modificação das listagens de conteúdos. Este trabalho se faz necessário porque oportuniza aos alunos indígenas a concluírem o 1.º Grau de ensino, com os conhecimentos que lhes permitirão prosseguir seus estudos caso desejem.





- Língua Portuguesa

Os textos para a leitura e as situações criadas, conduzirão os alunos indígenas para a apreciação da história, da cultura e da civilização indígena.

- Língua Indígena

A inclusão da língua indígena na Grade Curricular, visa valorizar o patrimônio cultural do índio macuxi e Wapixana, em suas expressões. Ao mesmo tempo em que lhe oportuniza aprender e falar corretamente a língua macuxi e Wapixana, bem como o escrever e ler.

A língua indígena será instrumento de comunicação interpessoal e transmissão de valores culturais.

- Educação Física:

Para a Educação física, incluindo a prática de atividades de iniciação desportiva, a escola conta com: um parque com estruturas para Educação física; um campo de futebol, e uma quadra de volei.

- Educação Artística:

A Educação artística será estudada com o título de arte indígena, e tem como finalidade incentivar e valorizar o patrimônio indígena, bem como despertar seus valores artísticos e meios próprios de expressão.

Os alunos juntamente com os professores, posteriormente escolherão um outro nome para o Componente Curricular.

Danças indígenas, cantos, trançar peças como: peneiras, cestas, tipiti, jamaxins, redes, tipóias, abanos, são atividades que serão desenvolvidas nas aulas deste Componente Curricular.

- História

Quando <sup>T</sup> ao estudo da história, ocorrerá a integração dos tópicos e /ou unidades sobre a história dos Povos Indígenas de Roraima, com as grandes unidades da História do Brasil.

O Componente Curricular história será estudado pelos Índios com o título de "PANTON" - que significa História.

A História dos Povos Indígenas, é documento, no qual consta sete (07) grandes tópicos:

1. As Guerras Caribes - século XVI e XVII.
2. Conquista Portuguesa.
3. Reação Indígena à Conquista Portuguesa.
4. Consolidação da Conquista.
5. Entre Tutela e Capitalismo.
  - a. O SPI e a fazenda Nacional são Marcos.
  - b. Exploração e Projetos de Transformação Econômica.
6. Rumo à Integração Nacional.
7. Quadro Da Formação Histórica dos Povos Indígenas do Nordeste de Roraima.

Ao professor de História, evidentemente a ele caberá realizar a integração da História dos Povos Indígenas de Roraima com a História do Brasil. Esta integração poderá ser realizada quando na elaboração do planejamento e no desenvolvimento das aulas.

- Geografia:

No ensino da Geografia, o professor do Componente Curricular, deve observar o documento: História dos Povos Indígenas, porque grande parte dos conteúdos de História estão integrados com a Geografia, e também pela existência de outro documento: Roraima Indígena em Mapa: povos, malocas, fazendas.

Cabe ao professor, realizar a integração dos conteúdos existentes nos dois documentos indígenas com a Geografia Física.

- Educação Moral e Cívica

Sendo a educação Moral e Cívica obrigatória nas Escolas e existindo os documentos: Estatuto do Índio e tradições indígenas, necessário se faz que, na Escola Indígena de Surumu, a Educação Moral e Cívica seja estudada com o título de " Nossãs Tradições".

- O.S.P.B.

O Componente Curricular Organização Social e Política Brasileira articula-se com a Educação Moral e Cívica, obedecendo os seus prin'cipios norteadores. Este Componente Curricular, será estudado com o no me de " NOSSO JEITO DE VIVER".

- Tópicos para estudo dos Componentes Curriculares E.M.C e O.S.P.B:

- A família ( Casamento, família, parentesco, a criança, o jovem na família e na comunidade).

- A Maloca
- A origem da Maloca
- Os Conselhos Comunitários
- A Assembléia Geral dos Tuxauas
- A União das Nações Indígenas (UNI)
- O Tuxaua, o Capataz
- O Professor, o Cantineiro
- Outras culturas indígenas
- Contatos entre uma maloca e outra
- O ESTATUTO DO ÍNDIO
- Conceito de Terra ("para nós a Terra é mãe")
- Propriedade Comunitária
- As Festas, as Danças
- Direitos e Deveres do Índio
- Direitos e Garantias Individuais

- Ensino Religioso:

O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constituirá 'Componente Curricular de Horário normal na Escola Indígena de Surumu.

- Ciências Físicas e Biológicas:

As Ciências Física e Biológicas, com uma carga horária de 3 aulas semanais, tem por função tornar o aluno capaz de explicar o meio próximo e remoto que o cerca e atuar sobre ele, desenvolvendo para tanto o espírito de investigação, invenção e iniciativa.

- Matemática:

O ensino da Matemática, que prevê uma carga horária semanal de 4 aulas, conduzirá os alunos para o uso do pensamento lógico bem como o desenvolvimento das habilidades de calcular e medir.

- Formação Especial:

A parte de Formação Especial, na Grade Curricular da Escola Indígena de Surumu, é a via adequada de preparar o aluno para as ações convenientes ao trabalho produtivo, seja ele de criatividade, de multiplicação de idéias, de execução manual e mecânica, tudo de acordo com as potencialidades e as diferenças individuais dos alunos.

- Técnicas Agrícolas:

Os trabalhos agrícolas, serão realizados dentro das possibilidades do meio, e como tal com a extensão, e a profundidade que as circunstâncias permitirem e recomendarem.

A Missão - Surumu, conta com o depósito de ferramentas agrícolas, as quais serão utilizadas quando na realização das aulas e/ ou práticas agrícolas.

- Educação Para o Lar:

Será desenvolvida de acordo com as necessidades surgidas na própria escola e comunidades indígenas

De imediato, está previsto o desenvolvimento de atividades em duas sub-áreas:

- . Vestuário, com aulas de Corte e Costura, devido a existência de um laboratório na escola;

- . Saúde, com aulas de enfermagem no próprio hospital que pertence a Missão de Surumu.

- Técnicas Comerciais:

Atualmente, quase todas as malocas têm cantina ou pequena cooperativa. Apesar das dificuldades e problemas existentes para um bom funcionamento, há muito esforço para caminhar no rumo certo.

Como são os próprios índios, junto com suas comunidades, que devem resolver os problemas, a Escola Indígena de Surumu, incluiu na sua Grade Curricular, Técnicas Comerciais que será estudada com o título de Cantineiro, na 8ª Série.

#### 4.2. AVALIAÇÃO:

Com vistas a verificar até que ponto os objetivos do Projeto serão ou não atingidos e, com o propósito de um possível ajustamento e/ou modificações em qualquer item que o compõe, durante o seu desenvolvimento, e, no final de cada ano, a partir da data de sua implantação, torna-se necessário uma avaliação.

A sistemática de avaliação do projeto, será discutida na própria escola, com a participação dos professores, alunos, líderes indígenas, tuxauas, direção e demais funcionários.

#### AVALIAÇÃO DO ALUNO:

A avaliação, como processo sistemático de acompanhar e assistir o crescimento do aluno em relação aos objetivos educacionais propostos pela Escola Indígena, vai possibilitar determinar as bases para a continuação do desenvolvimento Curricular.

A avaliação do crescimento do aluno será feita bimestral ou trimestralmente pelo Conselho de Tuxauas, com base no parecer de cada professor.

A avaliação do aluno também será feita por conteúdo específicos, devendo ser atribuída uma nota e/ou média por componente Curricular.

O corpo docente da escola, é quem vai decidir se a nota ou média vai ser: Mensal, bimestral, trimestral ou semanal.

#### INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO:

1. Registro de entrevistas com os líderes indígenas que acompanham o trabalho.
2. Trabalhos individuais e em grupos.
3. Testes.
4. Provas no final de cada mês, bimestre, trimestre ou semestre.